



Assine já

Entrar

MÚSICA

Residências artísticas com música lá dentro

Quem programa deseja sentir-me mais próximo da criação, quem produz a música almeja outras possibilidades de criação. De Grouper a Thurston Moore, dos Ermo aos Quest, há muitos exemplos de residências artísticas com músicos em Portugal.

VÍTOR BELANCIANO

02 de janeiro de 2018



Come



A americana Angel Olsen passou temporada em Lisboa a ouvir fado. Foi para estúdio com músicos para gravar músicas da Amália, algumas cantadas em português, e foi feito um documentário dessa experiência, que está por lançar

Alargar a prática artística. Explorar outras possibilidades de criação. Experimentar a criação num novo contexto. Enfim, as hipóteses são múltiplas. Durante muitos anos as residências artísticas em Portugal eram conotadas essencialmente com as artes performativas ou os campos da arte contemporânea. Na actualidade também a música

popular usufrui desse dispositivo, daí podendo resultar, em muitos casos, um disco, um vídeo, um documentário, um concerto ou uma outra manifestação artística.

A Galeria ZDB, em Lisboa, é uma das plataformas que aposta há muitos anos em residências artísticas no campo da arte contemporânea. Há cerca de dez anos, o programador musical Sérgio Hydalgo, confrontado com o trabalho aí desenvolvido nas artes visuais pelo curador e programador Natxo Checa, em conjunto com artistas como Alexandre Estrela ou Pedro Paiva e João Pedro Gusmão, começou a imaginar como seria efectivar o mesmo mas no campo da música. “Fui observando e tentando perceber o que eles estavam a fazer e fui sentido a necessidade de me aproximar de alguns artistas de forma diferente daquela que um programador faz normalmente quando programa um concerto”, reflecte. “Queria sentir-me mais próximo da criação artística e fui tentando perceber de que forma é que isso poderia acontecer.”



De uma residência artística em Aljezur viria a resultar a edição, em 2014, de *Ruins*, que Grouper reconhece como indissociável do espaço e tempo onde foi registado. Aqui na ilha de São Miguel onde

viria a estar em residência também.



PUB

Em 2011 fez-se luz com a americana Liz Harris, ou seja Grouper. “Já tinha trabalhado e viajado com ela no âmbito da programação de concertos e, às tantas, percebi que ela tinha necessidade de sair do seu país por razões pessoais e aproveitei para a desafiar a vir para Portugal e passar aqui uma temporada. Foi dessa forma orgânica que surgiu a ideia de trabalhar isolada em Aljezur.” Dessa residência artística viria a resultar a edição, em 2014, do magnífico álbum Ruins, que a própria viria a reconhecer ser indissociável do espaço e tempo onde foi registado, feito de música intensa que parece iluminar a tristeza, com duas mãos acariciando um piano enquanto uma voz parece ruminar consigo própria, enquanto lá fora se ouve a chuva, as rãs ou o vento.

Naquele caso, o resultado final, foi contaminado pelo local onde se desenrolou a residência, o que é muito comum acontecer. “As possibilidades são múltiplas mas como é evidente a escolha do local parte de um desejo do próprio músico, ou seja, já existe uma pré-disposição”, reflecte Sérgio Hydalgo. “Lisboa foi quase sempre essencial, no sentido em que constituiu o primeiro fascínio da maior parte dos músicos com quem desenvolvi residências, mas fazê-las em Aljezur, em Cabo Verde, ou nos Açores e Madeira, como já aconteceu, acaba por ser diferente. Por norma são espaços rurais, mais fechados, do que um lugar urbano.”

O essencial, diz Sérgio Hydalgo, é auscultar a própria vontade do músico. “Tudo começa por uma conversa onde tento perceber se o contexto ideal poderá ser urbano

ou mais isolado. No caso da residência com Norberto Lobo havia uma razão para irmos para Cabo Verde – havia uma herança familiar e a procura das raízes. Nesse caso decidiu-se potenciar o desejo do próprio músico. E na verdade, na maior parte dos casos, é assim que faz sentido.”



Thurston Moore (Sonic Youth) esteve na ilha de São Miguel, Açores; dessa residência resultou um livro de letras traduzidas para português

Depois de Liz Harris muitos outros projectos especiais se desenrolaram com Alex Zhang Hungtai, Scout Niblett, Mykki Blanco, Pete Swanson, Amen Dunes, CTM, Volúpia das Cinzas, Filipe Felizardo ou novamente Grouper, desta vez nos Açores em colaboração com o festival Tremor, dos quais resultaram discos, espectáculos ou material por editar. Numa parceria com o festival Walk & Talk, o americano Thurston Moore (Sonic Youth), esteve no Pico do Refúgio-Casas do Campo, na ilha de São Miguel, nos Açores, já depois de ter estado na Estalagem da Ponta do Sol na Madeira. “Na Madeira esteve essencialmente a escrever e nos Açores, para além de conhecer o território, como era seu desejo, decidiu fazer uma publicação, do qual resultou um livro de letras traduzidas para português, que foi impresso na Tipografia Micaelense.”

Por vezes os resultados das residências levam anos a serem revelados. Depende, inclusive, da agenda dos criadores. Foi o que aconteceu com a americana Angel Olsen. “Conhecia-a em 2011, num concerto que a ZDB fez no Maria Matos, quando ela fazia coros para o Bonnie Prince Billy. Ela tinha lançado um EP com um tema que, na introdução, era muito colado ao Barco negro da Amália Rodrigues. O curioso é que ela não conhecia a Amália e daí surgiu o desejo de passar uma temporada em Lisboa para conhecer fado. Entretanto a carreira dela cresceu muito e a coisa foi-se adiando até que em 2016 ela conseguiu vir dos EUA para passar aqui algum tempo, durante o qual lhe apresentei músicos, ela foi ouvir fado, e depois foi para estúdio com alguns deles para registar músicas da Amália, algumas cantadas em português, e foi feito um documentário dessa experiência, que está por lançar.”

Para 2018 o ritmo não irá abrandar, com Circuit Des Yeux, Pan Daijing ou Gabriel Ferrandini no horizonte. Este último vai mesmo dar início a uma parceria entre a ZDB e a estrutura Matadero em Madrid, desenvolvendo um projecto para um ensemble constituído por seis músicos que será apresentado durante a ARCO Madrid.

